

A GORDOFOBIA EM QUESTÃO: DOS ESTIGMAS À REDUÇÃO DE DANOS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM BIOCÊNCIAS E SAÚDE³⁴

FATPHOBIA IN QUESTION: FROM STIGMAS TO HARM REDUCTION IN EDUCATIONAL PRACTICES IN BIOCENCES AND HEALTH

João Paulo Cunha Parada³⁵

Francisco José Figueiredo Coelho³⁶

Resumo

A gordofobia é uma discriminação presente em todos os ambientes. Resultante de diversos fatores, também filiada aos esforços de uma indústria cultural preocupada em disseminar a superioridade do corpo não gordo, ampliando os estigmas do corpo gordo e promovendo ações de *bullying*. Está presente em nossa sociedade há alguns anos, porém, pouco discutido, principalmente nas escolas. Assim, o objetivo desse trabalho é discutir a importância do tema gordofobia nas aulas de Ciências e Biologia a partir dos pressupostos teóricos da Redução de Danos. Este artigo articula referenciais do campo do ensino-aprendizagem para pensar em um debate mais acolhedor e emancipatório, com o intuito de repensar os estigmas acerca do corpo gordo e potencialidades e desafios do debate nas escolas.

Palavras-chaves: Corpo gordo. Estigma. Gordofobia. Redução de danos.

Abstract

Fatphobia constitutes a form of discrimination present in all environments. It arises from diverse factors and is also linked to the endeavors of a cultural industry concerned with disseminating the superiority of the non-fat body, thereby amplifying the stigmas surrounding larger bodies and promoting instances of bullying. It has existed in our society for a number of years; however, it has been discussed only minimally, especially within educational settings. Therefore, the objective of this work is to discuss the importance of the topic of fatphobia in Science and Biology classes based on the theoretical foundations of Harm Reduction. This article integrates references from the field of teaching and learning to foster a more inclusive and empowering discourse, with the intention of reconsidering biases regarding larger body sizes and the potentialities and challenges of such discourse within schools.

Keys words: Fat body. Stigma. Fatphobia. Harm Reduction.

³⁴ Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

³⁵ Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS/IOC/Fiocruz). E-mail: joapauloparadapos@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0763-2161>.

³⁶ Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS/IOC/Fiocruz). E-mail: ensinodeciencias.ead@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1522-2995>.

Introdução

É notório que a escola é um espaço de construção de diferentes saberes. As disciplinas de Ciências e Biologia, por exemplo, se colocam como componentes curriculares importantes para permitir cenários de aprendizagem que facilitem a compreensão dos fenômenos biológicos favoráveis na manutenção da qualidade de vida das populações. Nessa ótica, vivemos um período histórico cuja compreensão dos fenômenos sociais nunca se fez tão necessária.

Para Coelho e Monteiro (2019), é necessário pensar as Ciências Biológicas articulando com os saberes e debates de ordem social, com o intuito de melhorar a convivência humana, desconstruindo falácias, *fakenews* e prejulgamentos em torno de falsos mitos, especialmente acerca das relações com o/s corpo/s.

Na amplitude de debates sobre o/s corpo/s, é possível notar uma variedade deles. Alguns, vistos como referência de beleza e saúde. Outros, são estigmatizados e marginalizados. Existe uma diversidade de corpos, não apenas biológica, mas cultural da sociedade brasileira. E isso pode ser notado dentro e fora das escolas com toda uma representatividade que pode e precisa ser acolhida.

Alguns movimentos sociais antirracistas e da comunidade LGBTQIAP+, iniciadas ou não com ações ativistas, têm contribuído para alastrar o debate sobre o respeito e a diversidade humana. Isso tem permitido que o Estado repense e conduza novas políticas públicas educacionais e sociais que reduzam as desigualdades sociais. Mas, e como fica o corpo gordo nesse contexto? E diante de um momento histórico cujos padrões de saúde e bem-estar são impostos por uma indústria cultural que - esteticamente - segrega os corpos não padronizados? Como a escola pode atuar no sentido de tornar o debate emergente e desconstruir o estigma atrelado ao corpo gordo?

Historicamente, Fleck e Dillmann (2021) reconhecem que o ato de comer e as relações o corpo gordo nem sempre foram da forma que se apresenta. Segundo os autores, diversos significados já foram atribuídos ao longo da história, variando em função do tempo, espaço e das experiências culturais das sociedades que existiram. A

gula, por exemplo, assumiu diferentes conotações, próximas e/ou distantes se considerarmos os discursos médicos e religiosos.

Assim como, no período medieval, o corpo possuía diferentes reconhecimentos e interpretações. Para Souza e Gonçalves (2021b), o corpo denunciava que o indivíduo exercia atividades na área da agricultura. Já no âmbito religioso, existia uma desaprovação do culto ao corpo na forma de afeição, considerado como algo profano.

E, dessa forma, a robustez ou a magreza de um corpo também foram moduladas. Nesse caminho, Coelho, Santos e Silva (2022) e Souza e Gonçalves (2021b), reconhecem que o corpo gordo já foi exaltado, sendo símbolo de fartura e riqueza financeira, e que ao longo da história começou a ser estigmatizado.

De forma geral, tanto para esses autores quanto para Fleck e Dillman (2021), especificamente no século XIX, o êxodo rural trouxe uma urgência para repensar o ato do comer, da gula e de como o corpo gordo se estabelecia nas interações sociais e que – de alguma forma – auxiliam a compreender a repulsa que esse corpo passou a assumir.

Diante dos trabalhos de Fleck e Dillmann (2021), Souza e Gonçalves (2021b), Coelho, Santos e Silva (2022), Parada e colaboradores (2023), têm oferecido reflexões que nos auxiliam a entender toda a conjuntura depreciativa que o corpo gordo foi/é submetido. Segundo eles, o processo de estigmatização do corpo gordo foi intensificado pelo desenvolvimento da indústria cultural que, no intuito de estimular o consumo alimentar, intensificou também a visão hegemônica do corpo magro superior ao gordo. Escalonando mecanismos de padronização do corpo magro ou atlético como corpo ideal, bonito e saudável e amplificou o estigma do corpo gordo como doente, feio e filiado ao ato de comer sem controle (SOUZA; GONÇALVES, 2021a; PARADA, COELHO; SILVA, 2023). Na visão de Souza e Gonçalves (2021b) essa indústria cultural padroniza os corpos em função do capital, posicionamento próximo ao sinalizado por Coelho, Santos e Silva (2022).

Com tais aportes, obtemos elementos iniciais que contextualizam a evolução do conceito do corpo gordo e como o mesmo é segregado, a partir de uma perspectiva sociohistóricocultural. Isso nos auxilia a pensar no desafio que os debates sobre o corpo gordo, diversidade e qualidade de vida assumem nas práticas educativas, sobretudo considerando que a gordofobia apresenta impactos de ordem física,

psíquica e social na aprendizagem e na vida dos estudantes, como também apontam Jimenez-Jimenez e Santos (2021).

Diante do que trazemos até aqui - reconhecendo as influências da indústria cultural na padronização estética que inferioriza o corpo gordo e o reforça como sinônimo de não ser/estar saudável - convém atentar para os discursos reducionistas que ainda circulam no espaço escolar. Estes, pautados nas diretrizes de proibição, por vezes desconsideram o sujeito integral e biopsicossocial (COELHO; MONTEIRO, 2019) e centralizam as discussões sobre o corpo quase que de forma higienista, reduzindo o conceito de saúde aos aspectos meramente físicos e resultantes de uma má alimentação. Esse tipo de argumentação é ingênua e alimenta a gordofobia, por vezes disfarçada como prevenção ou ações de cuidado com o corpo (JIMENEZ-JIMENEZ; SANTOS, 2021), que, em alguns casos, usa nos discursos sobre o corpo gordo estudos (por vezes enviesados) da obesidade como justificativa para as estigmatizações.

Diante de tais perturbações, o objetivo desse trabalho é discutir, no viés do ensino-aprendizagem, a importância do tema gordofobia nas aulas de Ciências e Biologia a partir dos pressupostos teóricos da Redução de Danos (RD). Apesar de que o seu uso – e origem - ser no campo da saúde médica para reduzir danos causados pelo consumo excessivo de drogas, algumas pesquisas têm articulado as suas ações para o campo pedagógico, como a Educação sobre Drogas (COELHO; MONTEIRO, 2020) e o consumo excessivo de alimentos processados (PARADA, COELHO; SILVA, 2023).

Assim, como a essência da RD é focada na saúde e bem-estar biopsicossocial, sem utilizar de métodos e discursos de repressão, consideramos a sua ação pedagógica como um dos caminhos para discutir a gordofobia como prevenção de danos causados à saúde emocional, mental e social, como também biológica. Sem, no entanto, usar discursos de coibição verbal ou física a aqueles que acometem a gordofobia – que em alguns casos a realizam de forma estrutural.

Logo, o constructo aqui apresentado articula referenciais teóricos do campo do ensino para pensar o debate do temário em um alinhamento mais acolhedor, emancipatório e antissegregador, com o intuito de repensar os estigmas acerca do corpo gordo e potencialidades e desafios do debate em sala de aula.

Estigmas do corpo gordo

Embora os seres humanos sejam diversos fisicamente, as influências midiáticas e a própria organização social das escolas e das sociedades favorecem os processos de padronização, um dos propósitos da indústria cultural, impondo à sociedade um padrão único e passível de ser modulado para estimular o consumo. As diferenças - em algum aspecto corporal de uma sociedade, povo ou comunidade - sempre foram (e ainda são) alvo para exclusão e desvalorização para aqueles que não se encaixam nos padrões adequados/ aceitáveis. A título de exemplo, sinais corporais eram feitos na Grécia para identificar algo extraordinário ou status moral de um indivíduo que deveria ser evitado, como um escravo, criminoso ou traidor (GOFFMAN, 2008).

Erving Goffman (2008) sinaliza que quando o atributo de um indivíduo não corresponde ao estereótipo aceitável para os demais, este estigma (atributo) é depreciado. Na ótica do autor, existem diferentes níveis de estigmatização social: a abominação do corpo (diversas deformidades físicas), culpas de caráter individual (vontade fraca, crenças falsas, vício etc.) e os estigmas tribais de raça, nação e religião. A gordofobia, assim compreendemos, deprecia tanto o corpo gordo (por seu excesso de massa) quanto rotula o sujeito por escolher ter este corpo físico. Em ambos os casos, culpabiliza o sujeito e descarta todos os determinantes sociais que influenciam no surgimento do corpo gordo, amparando-se no discurso neoliberal de que a culpa de ser gordo é, meramente, daquele que é fraco e incapaz de emagrecer.

Ao mesmo tempo que os discursos neoliberais culpabilizam o indivíduo e buscam tirar cada vez mais o poder do Estado, o corpo gordo é visto como degenerado. O ser gordo é aquele que incomoda, é indisciplinado com sua alimentação e que não é adequado para participar de eventos sociais específicos para não gordos. O gordo vivencia esses comportamentos gordofóbicos desde a sua infância, como uma forma de punição alimentar, conforme menciona Carpanetti (2022). A criança magra pode repetir à vontade, significando que é saudável ou “come de tudo”, mas a criança gorda não pode querer repetir a refeição – ou deixá-la repetir – porque pode transparecer um descontrole (CARPANETTI, 2022). Para a autora, o inverso pode acontecer quando a

criança – por exemplo – tem o paladar seletivo, criando-se então uma cogitação de qual seria a causa ou motivo do seu fenótipo gordo.

Surge então uma dicotomia que classifica, julga, segrega a sociedade em grupos gordos e não gordos. A rotulação do corpo gordo emerge como algo que não deve ser reproduzido, quase que um pecado e isso gera, inclusive, dificuldades para conversar sobre o assunto nas famílias e na escola. Embora nem sempre seja reconhecido como tabu, o próprio uso do termo “gordo/a” costuma ser suavizado pelas expressões “gordinho/a”, como se o uso do termo fosse depreciativo e devesse ser evitado. A busca dessa sua suavização revela em si a perpetuação dos estigmas do corpo gordo que, em certo momento, dificultam a abordagem do assunto em seu âmbito educativo.

As descobertas científicas do século XX sobre os perigos da má alimentação e do ato de comer em demasia reforçaram os estigmas filiados ao corpo gordo, tendo em vista que a gordura corporal passou a ser rejeitada e associada a sinônimo de doença, fora dos padrões de beleza e falta de autocontrole. Assim, o corpo magro/malhado/sarado ganhou o título de saudável e belo, que são conquistados pela prática de exercício físico e alimentação saudável. Essa dimensão é sinalizada no trabalho de Parada, Coelho e Silva (2023) ao reconhecer como o mercado de alimentos foi impactado pela indústria cultural através das propagandas dos meios de comunicação em massa, que influenciam também outros tipos de cultura de consumo, como os de alimentos processados e *fitness*.

Em paralelo com essas revelações científicas sobre os alimentos processados, e em concordância com os aportes de Parada, Coelho e Silva (2023) sobre o impacto das propagandas da indústria cultural em relação ao consumo, na década de 90 surge a divulgação e o consumo massivo de medicamentos para emagrecimento, as dietas e procedimentos cirúrgicos, reforçando uma repulsa ao corpo gordo, conforme apontam as descobertas de Souza e Gonçalves (2021b) em sua pesquisa.

Como também, há de ressaltar a conformidade dessas autoras com Coelho, Santos e Silva (2022), em relação ao enfoque dado nos diferentes contextos e momentos históricos ao corpo magro/ atlético e o gordo. De acordo com Souza e Gonçalves (2021b), nos séculos XVII e XIX, os alimentos, antes considerados como

fonte de energia ao corpo, passaram a ser retirados ou reduzidos da dieta com o objetivo de perder peso. Na idade média, o corpo gordo significava poder e ascensão financeira. A apreciação do corpo marcado pelas curvaturas definidas dos corpos atléticos, dando indícios de boa saúde e fertilidade eram observadas na Grécia Antiga, se assemelhando aos tempos atuais. Nessa conjuntura histórica, é observado, um certo duelo entre os corpos magros/ atléticos com o corpo gordo (SOUZA; GONÇALVES, 2021b).

Convém lembrar que o corpo gordo não surge apenas de uma relação direta entre o comer, pois esta ação proporciona prazer, bem-estar e está vinculado a diferentes questões sociais e não apenas à gestão física do consumo. Quer dizer, não se trata apenas de uma questão de querer ou não comer, mas de determinantes sociais que estimulam, tensionam e justificam a existência do corpo gordo. Logo, não se trata apenas de escolhas individuais, amparadas por discursos reducionistas e proibicionistas (PARADA; COELHO; SILVA, 2023).

A própria cultura *fitness* é influenciada pela indústria cultural e aporta caminhos segregadores. É cultural no século XXI se alimentar de uma comida zero carboidrato e ter um corpo com uma porcentagem mínima de gordura, e como consequência, é culturalizado rejeitar carboidratos e um corpo gordo. Por isso enfatizamos nesse artigo as dimensões desse reconhecimento cultural do ato de comer e os estigmas que a ele foram impostos.

A mídia dita um padrão corporal que deve ser seguido, excluindo aqueles que têm corpos gordos por não serem atraentes. Embora ao longo das décadas tenham surgido personagens gordos como o Zé Colmeia, o Fred Flintstone, Homer Simpson, Shrek etc. Em sua maioria, quando apresentados, costumam ser animalizados (personagem animal) e carregando comichão específica. Há o predomínio do corpo magro ou atlético – com os músculos demarcados nos uniformes – nos gêneros cinematográficos da *Disney*, *Marvel* e *DC Comics* (contemporâneos), reproduzindo o padrão de beleza e vitalidade não gorda que mencionamos antes. Enquanto o gordo é – às vezes – o personagem cômico que vivencia um drama pessoal que justifica a sua fisionomia. Nos gêneros de super-herói não fogem dessa “regra”, o Thor – personagem da Marvel Studio – foi apresentado comicamente com um fenótipo gordo em decorrência de uma depressão. Logo depois, seu corpo readquiriu a aparência habitual

(escultural) quando retornou para as suas atividades de super-herói (após “sair” da depressão). Ou seja, o corpo gordo quando não é associado a doença, é exemplificado como consequência de uma doença, preguiça ou descuido pela mídia.

Do que discutimos antes, historicamente isso nos ajuda a compreender os motivos do corpo gordo ser visto como algo fora do padrão e anormal, possuindo seus respingos nas práticas sociais, sobretudo no espaço escolar. Desde as propagandas de alimentos ou vestimentas – ausentes de protagonistas com sobrepeso ou gordas/os – aos *bullyings* digitais e presenciais, cabe pensar mecanismos de inclusão para tais debates nas escolas, reconhecendo o corpo gordo enquanto corpo cidadão e não objetificado.

Corpo gordo e a gordofobia nos espaços educativos: perspectiva e iniciativas pedagógicas

Como visto, a partir do dimensionamento histórico oferecido pela seção anterior, é inevitável não perceber a instauração de uma problemática higienista em nosso mundo contemporâneo, marcada pelo mito do corpo gordo como um corpo pouco preocupado com a saúde e com a estética. Isto, de alguma forma, reproduz uma cultura do corpo gordo como um corpo inferior, como também identificado por Souza e Gonçalves (2021a).

Diante do contexto anterior, os mesmos autores ressaltam que a gordofobia é caracterizada em “ações de discriminação de exclusão social e até mesmo de violência, tendo como pivô o peso do indivíduo” (SOUZA; GONÇALVES, 2021a, p. 6). Nessa lógica, entendemos que as ações dessa discriminação está presente ao estigmatizar que são indivíduos com hábito de comerem demais, sedentários, preguiçosos, fracassados por não conseguirem emagrecer. Todavia os estigmatizadores esquecem que todas essas “características” estão presentes em todos, independente do biotipo.

Jimenez-Jimenez e Santos (2021) apontam que esses tipos de comportamentos acontecem em todos os lugares e ambientes, e é algo estrutural, que está presente em todos, independentemente de ser ou não gordo, ou seja, em algum momento as pessoas foram ou podem ser gordofóbicas. Nessa percepção, cabe considerar o

entendimento de Ervin Goffman (2008) acerca das discriminações e suas perpetuações estigmatizantes que produzem - dentro ou fora da escola – sequelas de ordem física (violência contra o corpo gordo), mental e social (*bullying*).

Atentando-se para um entendimento mais socioantropológico em relação à gordofobia, é importante reconhecer que a escola tem um papel importante nos debates contra a segregação. Contudo, convém reconhecer que a escola é um dos espaços educativos e não deve ser o único espaço a pensar tais questões. Em relação à gordofobia, reconhecemos que ela pode favorecer frustrações, reduções de autoestima, motivação para frequentar a instituição e aprender e, nos casos mais intensos, favorecer inclusive situações de depressão e suicídio. E, embora o trabalho de saúde mental seja uma responsabilidade dos profissionais qualificados, é possível que a escola se torne sensível para mobilizar espaços de discussão e sensibilidade que auxilie na identificação de casos notáveis e, que por vezes, passam despercebidos. Quer dizer, é possível que a escola assuma um papel redutor de riscos e danos na medida que explore o debate, reconheça a igualdade dos corpos e estimule reflexões e formas de pensar e agir centradas no respeito e compreensão da diversidade.

Compreendendo que a escola é um espaço em potência para “promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*)”³⁷ (BRASIL, 1996), a RD nos parece um dos caminhos que possibilita reduzir os danos tanto de quem sofre da gordofobia, como de quem pratica, uma vez que são indivíduos que possuem uma dependência em reproduzir atos, ações e falas discriminatórias.

Alguns responsáveis negligenciam quando seus filhos relatam as suas experiências de *bullying* em relação a gordofobia, e estes replicam a concepção que é “coisas de criança”. De forma semelhante, esse tipo de pensamento acontece com os profissionais de educação, que em alguns casos culpa a própria vítima (JIMENEZ-JIMENEZ; SANTOS, 2021). O fato é que muitos não intervêm em casos de gordofobia, e quando faz, simplesmente falam “não dê importância ao colega”, o que permite que as autoras reconheçam a fragilidade e os desafios para levar o debate para a escola, pontuando a dinâmica de naturalização de “um tratamento estigmatizador

³⁷ Artigo 12, inciso IX, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

desde a infância com crianças, tendo continuidade na adolescência e fase adulta com pessoas gordas.” (JIMENEZ-JIMENEZ; SANTOS, 2021, p. 6).

Na busca do reconhecimento da diversidade dos corpos e da redução de riscos e danos dessas práticas vexatórias e segregatórias com os estudantes gordos, algumas iniciativas têm surgido em diferentes escolas do Estado do Rio de Janeiro, como o PEPCiências (Projeto de Educação Popular em Ciências) e a Jornada M&S (Mentes e Saúde), parcerias extensionistas entre as escolas públicas e Instituições de Pesquisa (UERJ, UFRJ, Fiocruz etc.). Ações extensionistas deste porte dialogam não apenas com os estudantes, mas também com os docentes e demais membros das unidades escolares, fomentando rodas de debate presenciais e/ou remotas sobre diferentes questões contemporâneas que envolvam o temário drogas, vulnerabilidades, corpos e sexualidade a partir de uma ótica centrada da RD, como comentamos na seção anterior.

Parte dessas iniciativas nas escolas promovem debates ou se baseiam em ações que visam reduzir os riscos e os danos de ações deletérias diante do tema. Uma dessas ações é o projeto lute como uma gorda³⁸, com o propósito de pensar o corpo gordo e refletir na origem e desdobramentos que as práticas vexatórias assumem para além das universidade e da escola. Assim, surgiu o livro paradidático³⁹ (para todas as idades) lute como uma gordinha, com a finalidade de informar e exemplificar as atitudes, ações e consequências da gordofobia na infância com os exemplos do cotidiano escolar das estigmatizações do corpo gordo de uma menina negra (Figura 1) (JIMENEZ-JIMENEZ; REIS; GOMES, 2022).

³⁸ Disponível em: <https://lutecomoumagorda.net/sobre/>

³⁹ Livro disponível em: <https://aic.org.br/saberes-compartilhados/lute-como-uma-gordinha/>

Figura 1 – Capa do livro Lute como uma gordinha



Fonte: JIMENEZ-JIMENEZ; REIS; GOMES, 2022

Outra ação de extensão que surgiu do projeto Lute como uma gorda é a PESQUISA GORDA - Grupo de Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordes no Brasil. Pontualmente a ação tem o propósito de desenvolver, incentivar e tornar acessível os estudos sobre a temática da gordofobia, como e para também, promover a divulgação científica.

Atualmente, o debate acerca das segregações nas escolas têm se alastrado, não apenas nas ações mencionadas, mas com iniciativas esparsas em vários municípios do país. Contudo, notamos três condições importantes a sinalizar acerca da inserção dos movimentos antigordofobia nas escolas. A primeira é acerca da frequência desses eventos. Por vezes se tornam ações estanques e que não se renovam, deixando de propiciar momentos constantes de escuta e conversa com os jovens.

Um segundo ponto é a dinâmica específica apenas com os escolares, que deixa de incluir os pais e responsáveis ou a comunidade escolar como um todo. Convém lembrar que parte das ações de agressão e violência física e emocional com o corpo gordo não se inicia na escola.

Um terceiro ponto é acerca da perspectiva pedagógica que se adota nessas ações, que assumem o debate da gordofobia com viés criminal e caminho intimidador, ou seja, algumas atitudes por parte dos docentes é criminalizar o ato advertindo quem

praticou, o que pode dar esperança aos agredidos, mas não necessariamente inibe o agressor. Por isso, partir da RD, enquanto caminho educativo nos parece mais tangível, como apontado nos trabalhos de Coelho e Monteiro (2020) e Parada, Coelho e Silva (2023).

Em outros termos, ao invés de adotar uma postura de advertência, o caminho do diálogo pedagógico sobre os atos impensados e estigmatizados – que algumas vezes pode ser estrutural – da gordofobia com os agressores, sem excluir os agredidos, pode ser um caminho promissor baseado em uma educação emancipatória, buscando favorecer que os jovens vejam o corpo alheio como um corpo vivo, humano e capaz de sentir e se expressar. Por tal motivo, acreditamos que pensar na RD – enquanto referencial teórico e pedagógico – pode favorecer visões de mundo menos segregadoras e reduzir a circulação de pensamentos agressivos e violentos em torno de temas considerados tabus.

Acreditamos existir uma linha tênue que difere o corpo gordo da obesidade de acordo com o índice de massa corpórea (IMC). Não podemos ser negacionistas com os estudos da fisiologia da obesidade, que é ocasionada pelo desequilíbrio energético entre calorias consumidas e gastas, fatores genéticos, ambientais, comportamentais e socioculturais (HERNANDES; VALENTINI, 2010).

O fato é que parece frágil pensar em levar o tema gordofobia, assumindo referenciais meramente biológicos sem conexão com outros entendimentos sociais. Por isso, uma perspectiva importante dos pressupostos da RD é a não generalização e o entendimento das subjetividades da pessoa gorda. O discurso alastrado e incisivo de que as pessoas gordas e obesas são as que desenvolverão doenças crônicas não-transmissíveis (DCNT) (OMS, 2021) deve ser relativizado e cuidadoso. De fato, as pessoas obesas podem ser mais suscetíveis, mas não podemos descartar que todos os indivíduos estão isentos, uma vez que podem apresentar algum déficit ou excesso nutricional, ou por fatores mencionados, o que podem aumentar mais os estigmas e falácias ao invés de educar e orientar para a qualidade de vida.

Embora tenhamos trazidos nesse artigo alguns exemplos de ações que potencializam o debate da gordofobia na escola, reconhecemos a escassez de projetos

e trabalhos nas salas de aula. Dessa maneira, elucidamos sobre a necessidade de articular o tema nas aulas de Ciências e Biologia com o intuito da promoção e sensibilização coletiva e individual dos cuidados da saúde integral, ou seja, no âmbito biológico, mental, emocional e social, e o respeito ao aspecto cultural do indivíduo gordo e não gordo, ao mesmo tempo possibilitará (re)pensar na discriminação que existe no discurso gordofóbico.

Considerações Finais

O constructo apresentado teve a intenção de dialogar com algumas produções científicas a fim de pensar desafios sobre a discussão sobre a gordofobia nas escolas, especialmente no campo do ensino das Biociências e Saúde. A gordofobia quando é trabalhada na escola, assim pensamos, pode se converter em uma experiência de troca de saberes, buscando sensibilizar os estudantes e a comunidade escolar para um entendimento mais social do corpo, seja ele possuir qualquer forma ou cor. O respeito às diversidades é o caminho fundamental.

Nessa perspectiva, acreditamos que a discussão da antigordofobia apoiada na RD pode ser um caminho para criar um diálogo emancipatório, participativo, informativo e acolhedor aos estudantes no intuito de estimular o debate sobre as corporeidades e o respeito aos corpos múltiplos. Nessa dinâmica, sensibilizar os estudantes para o reconhecimento e existência dos estigmas sociais, dos comportamentos estereotipados e de toda a dinâmica de violência (culturalmente estabelecida) que envolve o corpo gordo e outros corpos segregados parece corroborar com uma educação mais emancipatória e redutora de desigualdades que surgem na escola.

É importante que os debates sobre o corpo gordo e a gordofobia abram espaço para o reposicionamento social e para a reflexão coletiva sobre as diferentes agressões que ocorrem antes, durante e depois da vida escolar. Nesse aspecto, reconhecemos a importância de vincular a RD com o Ensino em Biociências e Saúde por estarem envolvidas em práticas que tem o foco na promoção da saúde e no bem-estar integral do indivíduo, como também no aspecto cultural, pois são áreas que compreende o indivíduo como um ser integral, e não somente biológico. Em vista disso, pensamos em

uma pedagogia para as disciplinas de Ciências e Biologia que possibilite estimular debates antissegregatórios e participativos dos alunos sobre a igualdade dos corpos, respeito e entendimento que um indivíduo é formado pelo contexto biopsicossociocultural.

Cabe ressaltar, que não tivemos a intenção de romantizar (suavizar) a obesidade com os aportes sobre a gordofobia. Entendemos que a obesidade é um assunto que merece atenção no setor da saúde médica biológica – da mesma forma que a desnutrição. Trata-se de um assunto que é discutido e comprovado por embasamentos das pesquisas científicas na área da fisiologia humana. Desqualificar essas pesquisas é ir de encontro ao negacionismo científico.

Agradecimento

Agradecemos ao Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), especialmente a Prof.^a Dra. Georgianna Silva dos Santos que realizou a revisão do artigo.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

CARPANETTI, Renata Ragazzo. Entre dobrinhas e gordurinhas: observações de uma professora gorda na educação infantil.. In: Anais da Pesquisa Gorda: ativismo, estudo e arte. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/1146124.1-3>.

COELHO, Francisco José Coelho Figueiredo.; MONTEIRO, Simone. Ensino de ciências e biologia e educação sobre drogas: diálogos necessários. In: IX Encontro Regional de Ensino de Biologia da 2ª regional RJ/ES. Rio de Janeiro, RJ, 2019. **Anais...** Rio de Janeiro: Colégio de Aplicação da UFRJ e Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral. Disponível em: https://regional2.sbenbio.org.br/publicacoes/anais_IX_erebio.pdf.

COELHO, Francisco José Coelho Figueiredo; SANTOS, Georgianna Silva dos Santos; SILVA, Maria de Lourdes da. Da gula alimentar à tecnológica: reflexões redutoras de danos diante da sociedade do consumo. **Revista Aleph**, Niterói, v. 3, n. 39, p. 169 – 185, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/54714/33418>.

FLECK, Eliane Cristina; DILLMANN, Mauro. “Para a alma, & para o corpo he a gula o mais mortal peccado”: discursos religiosos e médicos sobre os entendimentos e os efeitos do consumo alimentar exagerado, Portugal, século XVIII. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 37, n. 74, p. 533-564, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-87752021000200008>.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HERNANDES, Flavia; VALENTINI, Meire Pereira. **Obesidade: causas e consequências em crianças e adolescentes. Conexões**, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 47-63, 2010. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20396/conex.v8i3.8637727>.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luiza; REIS, Cláudia Reis dos; GOMES, Rosane. **Lute como uma gordinha**. 1ª. Ed. Belo Horizonte: Agência de Iniciativas Cidadãs, 2022.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luiza; SANTOS, Cláudia Reis dos. Gordofobia na escola: lute como uma gordinha. In: OLIVEIRA, Vanilda Maria de; FILGUEIRA, André Luiz de Souza; SILVA, Lion Marcos Ferreira e. **Corpo, corporeidade e diversidade na educação**. Uberlândia: Culturatrix, 2021. p. 201-217. Disponível em: <https://www.culturatrix.com/corpo-corporiedade-e-diversidade-na-educa%C3%A7%C3%A3o>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/obesity-and-overweight>.

PARADA, João Paulo Cunha; COELHO, Francisco José Figueiredo; SILVA Maria de Lourdes da. Educação para a redução de danos das práticas alimentares abusivas: aportes teóricos de theodor adorno. In: COELHO, Francisco José Figueiredo; MEIRELLES, Rosane Moreira Silva de. **Ensino-aprendizagem em biociências e saúde teoria e prática na pesquisa**. Curitiba: CRV, 2023. p. 33-44. Disponível em: <https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/37690-crv>.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. Gordofobia no espaço escolar: uma análise histórico-cultural. **Revista Ciências Humanas**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 01-13, 2021a. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.32813/2179-1120.2021.v14.n1.a701>.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. Relações entre gordofobia e teoria Histórico-Cultural: interfaces com a educação. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 01–18, 2021b. DOI: 10.5216/rir.v17i2.58997. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rir.v17i2.58997>.

Data do envio: 26/06/2023
Data do aceite: 13/09/2023.